



Lisboa, 19 de Março de 1915

À MEMORIA
 DE
SUA ALTEZA REAL O PRINCIPE SENHOR D. LUIZ FILIPPE



Passava depois d'amanhã 21 de março o seu anniversario natalicio se uma bala traiçoeira e covarde, o não tivesse prostrado na emboscada republicana do Terreiro do Paço.

FL

O grande homem do regimen

Ninguém é propheta na sua terra: *nemo propheta acceptus est in patria sua*, escreveu S. Lucas ha quasi vinte seculos no capitulo IV, versiculo 24 do seu Evangelho, quiá principalmente de proposito para suavisar as decepções do sr. dr. Affonso Costa, que é pessoa muito lida nas sebentas do dr. Mar-noco e nos livros santos... do sr. França Borges.

Coitado d'elle, que de tantas injustiças tem sido victima!

Elle mistura os erarios do Estado com os do escriptorio.

Elle vende decretos e portarias.

Elle recebe predios de graça, e não quer pagar contribuição de registo por titulo gratuito.

Elle commanda superiormente o bando dos *formigas*, que matam, denunciam, cuspinham presos politicos, roubam, assaltam, escangalham, fazem ovações, fazem surriadas, fabricam bombas, incendiam, arranjam processos falsos, violam correspondencias, forjam conspirações, preparam golpes d'Estado, calumniam, difamam, e mais cousas, mil cousas, que mais ou menos cahem na generalisação dos roubos, dos assaltos, dos negocios, dos incendios, das emboscadas...

Elle vai feito nas operações do opio, das aguas do Rhodam, do jogo de Monaco, dos terrenos de S. Thomé, dos *camions*, dos fornecimentos...

Elle interdica pessoas de juizo; elle monopolisa, advogado, o ministerio da Justiça; elle, pelo director geral da mesma secretaria, seu socio e compadre, procura impor-se nos tribunaes.

Elle dirige a falsificação dos recenseamentos, sujeita a circumscripção eleitoral ao censo dos seus partidarios, creados de servir de Sua Senhoria.

Elle arremette contra a dictadura que se tornou necessaria para acabar com a dictadura permanente dos seus arranjos, das suas manigancias, das suas politiquices, dos seus mysterios, da sua caixa e do seu guarda fato.

Elle falla em liberdade sendo um auctoritario; em egualdade sendo um tyrannete; em fraternidade tendo pellos no coração.

Elle é um audacioso, e considera-se um intelligente; elle não tem escrupulos, e apregõa moralidade; exhibe-se como guarda da Constituição, e assalta-a sempre que pode.

Elle inventa *superavits*, e augmenta a divida publica em 30 mil contos; elle tem 25:000 réis mensaes, e habita um palacete e voa de automovel; elle cobre o Eusebio, mais o da Panasqueira, mais o do Leandro, mais o das cartas á Companhia de Mossamedes, mais o do cabo submarino.

Elle é admirador do Caillaux, elle abre as portas de Angola, elle quer por força sacrificar vidas de portuguezes na açougaria da guerra.

Elle...

Mas se fossemos a especialisar tudo quanto têm dito em mal de s. ex.^a, encheríamos resmas, publicaríamos grossos tomos, formariamos bibliothecas.

A má lingua indigena nunca criou maior victima, nunca menoscabou tanto um cidadão honesto e virtuoso, espelho de pessoas honradas.

Protestamos!

E' preciso que acabe esta campanha. E' mister que da lama se eleve á peanha, que dos vasadouros da injuria soez, se levante e erga ao altar civil das glorias immorredouras.

Que s. ex.^a vá para a gloria e o sr. João de Freitas para a cadeia.

Elle é um espirito juridico lucidissimo, e atreve-se a acoimal-o de trapalhão. Elle é um professor erudito e sabio, e affirmam que elle não sabe nada do que ensina. Elle adivinha o que hade acontecer no seculo MMCLIX 112, e o sr. Cunha e Costa graceja que a sua myopia só lhe consente ver meio palmo adiante do nariz, ou seja, o espaço de um dia como as rosas de Mallerbe. Elle é um orador febril, leonino, que maneja a clava de Hercules das tropas e o esgalhado pinheiro de Polyphemo dos argumentos, e contam que elle não passa de um palrador atrevidamente agaiatado no meio tumultuoso das ruinas do regimen.

Tornamos a protestar, e aqui lhe offerecemos o andor de todos os braços dos patriotas eximios, para o passearmos em triumpho no dia, que lhe é merecido, do seu imperialismo, tendo já ao nosso dispor a prosa do notavel stylistista Derouet e os alexandrinos de 15 syllabas do sr. Alfredo Ansrir com todo o repertorio mythologico que vai desde Jupiter e Saturno até ao sr. Daniel Rodrigues e o senhor seu mano.

Amen.

X



D. Francisco Giner de los Rios



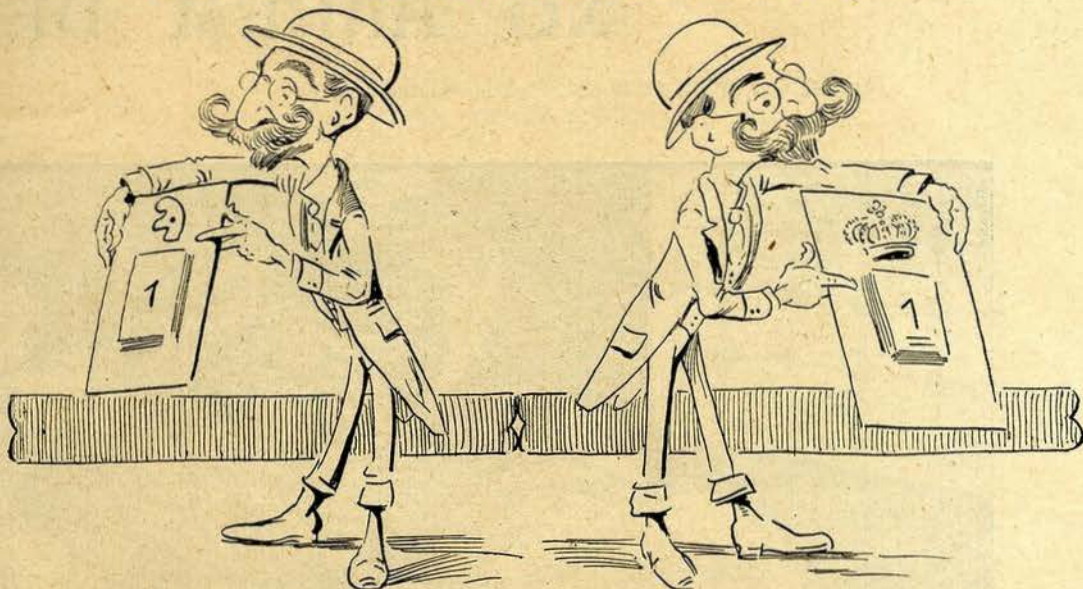
Era, pode dizer-se afoitamente, o primeiro pedagogo da Peninsula, e um dos homens mais bondosos do mundo. E apesar de livre pensador convicto o seu nome nunca se prestou a ser testa de ferro de facções desorientadas, incultas e perigosas. Por isso a sua morte, se não ficou registada em nenhuma sessão especial de registos civis de *livres-pensadores*, ficou no entanto gravada, e para sempre, na consciencia de todos os homens de bem, que devem respeitar a sua memoria.



Homem de palavra

O sr. Bernardino diz que prometeu á Hespanha o indulto do Leandro, mas que não tencionava cumprir a promessa. E ainda o diz. Já é fazer gála da miseria! Sáfa!...

O KALENDARIO PERPETUO DO SR. CABREIRA



Como vêem está sempre certo... para S.^a S.^a

PATHE
Thalassa
· TUDO · VÊ ·
· TUDO · SABE ·
· TUDO · INFORMA ·

Está no chôco, aqui na visinhança, um novo pharol da opinião, de que são progenitores um fidalgo tradicionalista e um republicano historico.

Deve resultar um hybridó muito curioso.

Diz o *Porvir*, succursal do *Cornetim* em Beja, que toda a gente sabe que os seus partidarios não fazem mal a ninguem e são agredidos á bengalada e a tiro traiçoeiramente.

E' verdade. Até mesmo o deputado Santos Cardoso, morto, segundo todas as probabilidades por um dos tiros disparados das janelas do Directorio; foi mais uma victima da traçoieira reacção.

Dizem de Gouveia ao *Diario de Noticias* que foi ali assaltado um centro republicano tendo os gatunos levado dinheiro e tabaco nó valor de 40 escudos.

Parece a *reportage* do assalto a uma capelista.

Mas... o melhor da passagem é que o tal roubo é attribuido a alguns consocios da chafarica.

Cabreira, doutor honorario da *Academia n.º 2* e mathematico insigne da *Liga anti-germanica*, inventou um calendario arte-nova. Homenageamos o novo *Borda d'agua*.

Um estudante de Coimbra, discursando por occasião de um enterro no Porto, confessou que os seus *companheiros republicanos são agora a minoria*.

Já nos tinham dito isto mesmo, mas não o tinham acreditado: ha cousas que parecem impossiveis e esta é uma d'ellas.

No Funchal foram presos, como fabricantes de *artilharia civil*, os seguintes *formigas*: um conductor de obras publicas da Junta Geral, um fiscal d'impostos ao serviço da Junta Agricola, um mecanico dos telephones, um pharmaceutico, um *chauffeur* e um azeiteiro.

Ora ahi está uma interessante philharmonica que, se calhar, executava sob a regencia da experimentada batuta de um *formigão* muito conhecido pela alcunha de *Visconde*.

Corre em Lamego que n'um dos primeiros dias d'este mez foram distribuidos *honorarios* aos dedicados defensores do regimen, conhecidos pelo pittoresco titulo de *formigas*.

Foi um tal dr. Alfredo de Sousa, presidente do municipio e administrador concelhio dos bens das Egrejas, quem pagou aos prestimosos cidadãos, sendo o pagamento festejado com uma lauta ceia cosinhada no Azilo da Mendicidade.

Qual seria o cofre d'onde se tirou a verba para a ex.^{ma} *formiga*? Seria o do municipio ou o dos bens da Egreja? A' de Lisboa já vimos algures que se pagava do cofre da Assistencia.

Esperamos que alguma vez se saberá d'onde se desviam os fundos com que se retribuem os desinteressados cidadãos.

Quem matou o deputado Henrique Cardoso?

Foi um republicano.

Ha depoimentos e vê-se da direcção das balas.

Quem destruiu o monumento de Eça de Queiroz?

Procurem, que hão de encontrar um republicano de qualquer choça.

De resto, façam a estatistica dos criminosos em Lisboa, que hão de concluir que na sua totalidade são republicanos, com 8% democraticos.

O *Cosia apita*, typo popular de ha 40 annos, ressuccitou.

E' que os tempos succedem-se e parecem-se.

Não tarda por ahi o *Maria Ritta*.

Aquelle que *morreu a rir*.

Segundo o orgão que o sr. Costa inspira, o deputado Achilles Gonçalves morreu porque se levantou com febre para não faltar á reunião da Mitra.

De modo que o democratismo, só n'uma semana acabou com dois correligionarios.

E' demais, e depois, cynicamente, vão dar consolações ás familias!

Embuchado

Magnifico!

O nosso excellente Bernardino já é a segunda vez que fica com as conferencias engasgadas no bucho.

Anuncia-as, mas quando chega a occasião de falar, recolhe a falla ao chapéu alto *por causa das moscas*, e não abre bico.

Triste fim d'um *clown*!...

NO HAREM DE EVER-BEY DA COSTA

(A proposito d'um recente artigo do sr. dr. Cunha e Costa, publicado n' "O Dia.")



© eunuco: — Aqui estão as cabeças que desejas, senhor! . . .

URÔL

O unico remedio infalivel na cura do:

Rheumatismo — Arthritismo — Gota — Dyspepsias — Obesidade — Arterio-sclerose

PHARMACIA FORMOSINHO — Praça dos Restauradores, 18 — Lisboa

KODACKS

VI

Urbanec.

Pintalegrete aos saltinhos,
Ponta de lenço cá fóra,
Eu conheço-te d'outr'ora,
Confrade dos Libaninhos!

Com que então é só em linhos
Que a tua venta se assóa,
E são da Champagne os vinhos
Que entortam tua pessoa!

Mil vezes bravo, bravíssimo!
Na feira do Pim-Pam-Pum
Sahiu-te em premio finíssimo

A cara omelette ao rum!
Está certo, está certíssimo
Que inda voltas ao atum.

Virissimo.



Porque escolheram a Mitra

Está explicada a razão porque os democraticos escolheram a Mitra para reunir o Congresso das hortas. Ora tenham a bondade de ler a seguinte *Descrição do reino de Portugal*, por Duarte Nunes de Leão, edição de 1785, capitulo XXXIV, pag. 157.

*Jogar as mitras, ter razões com alguém;
jogar as cristas.*

*Descompôr as mitras, diz-se de pes-
soas graves que altercam com violencia, desau-
torisando suas pessoas.*

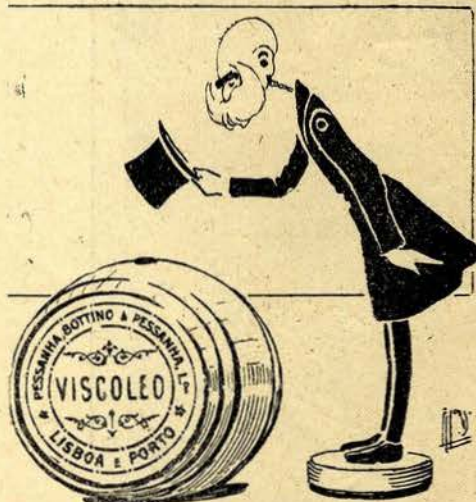
E agora mais este bocadinho do mesmo auctor, que explica claramente o entusiasmo com que o sr. Alexandre Braga foi á mitreta de Loures.

*Uma mitreta de vinho equivalla a um
almude e valia um drachma que correspon-
dia a dois vintens.*

Depois d'esta auctorizada opinião, parece-nos que o paiz fica devidamente inteirado porque o sr. Affonso Costa levou á Mitra os seus amigos.

O sr. Alexandre Braga até se lambeu todo quando lhe falaram na mitreta por dois vintens!

Pudera! Uma farturinha d'almude por um pataco!...



—Não ha duvida! Esta casa é a que tem oleos para machinas, mais cordeaes, lampadas Unic, mais fraternaes e Licor Cordeal Vichy, mais bernardinico!...
Prefiram-na sempre, sim?

"O THALASSA,"

CAPAS E COLECCÕES

Tencionamos pôr brevemente á venda as **capas para a collecção de 2.º anno d'«O Thalassa»**.

Como dissemos já, as **capas** d'este anno são tambem **azues e brancas** e, alem de **illustradas a capricho por Jorge Colaço**, que pôz n'este trabalho todo o seu brio artistico e patriotico, as **capas do 2.º anno d'«O Thalassa» terão impressa uma poesia «A Bandeira» original inedito da notavel e distinctissima poetiza a Ex.^{ma} Senhora D. Branca de Gonta Colaço**.

«A Bandeira» é uma das produções mais mimosas da illustre escriptora, bastando esse verdadeiro primor da litteratura nacional contemporanea para, constituir por si só um acontecimento artistico de sensação e relevo inconfundiveis.

A Ex.^{ma} Senhora D. Branca de Gonta Colaço, honrando assim com o seu brilhantissimo trabalho, «O Thalassa», enriquece ao mesmo tempo as lettras patrias com mais uma preciosissima joia do seu talento e da sua portentosa inspiração poetica.

Logo que possamos faze-lo, publicaremos a photographia d'este sensacional trabalho, cujo preço não podemos fixar ainda, mas que não deve exceder em muito o do anno passado.

Os colleccionadores que desejem encarregar-nos da encadernação podem enviar-nos desde já para a redacção as suas collecções devidamente registadas. Este trabalho tem de ser executado com perfeição, afim de as paginas centraes não ficarem inutilizadas.

Mandámos fazer mais capas do 1.º anno, para atender os numerosos pedidos que nos teem sido feitos n'esse sentido.

Os pedidos que vierem acompanhados da respectiva importancia, temo-los devidamente registados, aguardando apenas que as capas do 1.º anno estejam promptas, para os satisfazermos.

Respondemos por este meio a todos os senhores colleccionadores que se nos teem dirigido e aos quaes, por numerosos, nos é impossivel responder individualmente.

A loja de Sacavem

E' a que mais duracao tem. A' venda em todos os bons estabelecimentos e no Deposito geral—rua da Prata, 126 a 152—Lisboa.



ENCRAVADOR

Gritam agora os jornaes que o sr. Bernardino Machado deixou tudo encravado desde a questão dos trigos até á questão do indulto, não fallando já na participação da guerra, situação do thesouro e outras *miudezas* que a seu tempo virão á luz da imprensa, como diria o conselheiro Acacio e costuma dizer o sr. Antonio José d'Almeida, que seria sem duvida o escolhido por Eça para symbolisar o cretinismo politico, se n'esse tempo o apetitoso chefe evolucionista não andasse ainda longe das provas publicas, estudando pelo certão africano a arte de vir a ser estadista em Portugal.

Que os jornaes griteem, achamos bem, porque é o unico desabafo do portuguezinho valente n'esta terra onde o chimfrim é o estado permanente da sociedade. Mas ninguem tem o direito de se admirar que assim tenha acontecido, porque o sr. Bernardino não foi ao poder para outra coisa. S.^a S.^a é o symbolo da encravação nacional.

Foi elle que encravou a monarchia—porque foi monarchico; foi elle que encravou o republica—porque se fez republicano. Vejamos o que aconteceu com o caso Leandro...

Temos a certeza de que, se amanhã o sr. Bernardino partisse para a Alemanha... a victoria dos aliados estava absolutamente garantida.

Ha creaturas assim.

Usem a agua de Mouchão da Povoá

Aconselhada por todos os medicos como o melhor remedio para a cura de doenças da pelle, estomago e doenças das senhoras.

QUADROS DA MINHA TERRA

A pedido de muitos dos nossos leitores recomenciamos hoje esta nossa antiga secção que ficou interrompida no n.º 72.

(6.º quadro)

FELICIA

Eu galgava, n'esse tempo, todos os dias, a calçadinha ingreme de Sant'Anna, para ir vêr Luiza que me esperava encostada ao peitoril da janella, cheia de *chis-chis* e de pó d'arroz, roendo as pelinhas dos dedos com os seus dentes finos de gata nervosa. Quando dobrava a esquina, ella, fazia uma careta amuada, se o relógio já tinha marcado a hora em que eu na véspera promettera ir; e franzia os beiços melados do carmim, que me entonteciam os miolos e me deixavam laivos na cara, das suas caricias soffregas.

O carvoeiro de frente, dizia então quando eu passava: — *lá bae o gáxo!* — e eu murmurava um «desaforado farrusco» ran-coso e indignado contra o *gáxo* do industrial de bolas.

A Luiza era uma leão de ciúmes; eu, um cordeiro de promettimentos; e quando ella jurava pela alma do avô major cravar-me as unhas roidas, na cara, no dia em que visse o meu perfido olhar envolver outro busto que não fosse o seu, promettia solemne uma fidelidade eterna, e beijava-lhe, meigo, o sabugo mordiscado dos dedos. Eu rompia também, ás vezes, feroz, com aguilhadas de cotovello, quando Luiza se saracoteava em sedas leves e espantosas, pela cidade, provocando o murmúrio lubrico dos bajójos. Avançava tezissimo, cheio de colera e de dignidade, explodindo phrases duras:

— Sua porca almiscarada... Nunca mais a quero ver!

Mas, no dia seguinte, recordava-me da foto saletinha da calçadinha de Sant'Anna onde preguiçava nos braços de Luiza, de bandurra em punho, trauteando o fado Liró. E corria lesto e contrico, com um ramillete da Praça, a fazer as pazes, só me sentindo bem quando ouvia o — *lá bae o gáxo!* — annunciar as proximidades dos labios carminados de Luiza.

— Caramba! A vidinha é isto... — e esganiçava o *Liró* atroando a visinhança.

Uma tarde, Luiza sahira. Fui esperal-a para a janella. Na sacada ao lado, um gato gordo escabeceava empoleirado no parapeito; o carvoeiro partia bolas; e eu divagava o olhar pela visinhança, assobiando o *maxixe*. N'uma janellita estreita de um terceiro andar, um rosto alegre dobrava-se sobre a costura. Olhou-me indifferente; pisquei-lhe o olho, e a janellita, de rompo fechou-se-me na cara.

— Arisca... — E ao longe a Luiza dobrou a esquina saracoteando as sedas.

Demorei-me pouco; e, quando sahi, olhei a janellita que vollará a abrir-se. A' noite passei por lá, cosido com as sacadas de Luiza para não ser visto. Havia luz no terceiro andar, fronteiro. Choviscava; entrei n'um portal, e durante hora e meia alli estive, sentindo ainda arrepanhar-me a cara o carmim com que a Luiza me babujara de dia. Tive tentação de entrar, lembrando-me dos braços macios, da bandurra e do *Liró*, e ia já para a porta, quando o rosto alegre que eu vira na janellita de manhã, passou por mim emoldurado n'uma mantilha negra. Seguiu-a; disse-lhe coisas lindas; cuspiu para o lado e ameaçou-me com a policia. Tragico, desabotei o casaco e jurei «que todas as balas blindadas e todos os aparelhos destruidores do Krupp, não me fariam recuar de lhe dizer quanto amor respeitoso me inspirava».

A minha erudição commoveu-a; os tremeliques da minha voz deram-lhe confiança; e, ao fim de um quarto de hora pasavamos o terceiro posto policial, tranquillamente, quando eu repetia pela vigessima vez, com arrulhos de ternura sentida, que «tinha preso o coração desde aquella tarde». Ella sorria e dizia-me que «os *homens* eram todos impostores. Garanti-lhe a excepção da minha individualidade. Fallou-me de Luiza; estendi a mão solememente: «que não voltaria lá». E quando á despedida lhe perguntei o nome, respondeu-me com os olhos negros a brilharem muito, cheios de graça:

— Chamam-me Felicia...

Durante um mez eu acompanhei Felicia todas as noites, desde a calçadinha de Sant'Anna onde costurava no terceiro andar da janellinha estreita, até á sua casa no caracol da Graça.

Uma noite, vi Luiza surgir á sahida de casa. Fugi, recoso, pelas unhas promettidas na minha face rija. E fui esperar mais abaixo a Felicia.

Amavamo-nos. Ella escutava-me com um encanto desconhecido que lhe illuminava o rosto, n'um mixto de candura e de desejos; eu sentia-me preso áquella alma pequenina, ingenua e simples que córava d'um galanteio como se fôra uma offensa de incomprehensível fallar.

Acoitava-me á noite no rez-do-chãozinho limpo do caracol da Graça, onde um candieiro de vidro partido illuminava mal o quarto estreito de Felicia. De manhãzinha, ella partia para a

costura de Sant'Anna e eu ficava-me a rebolar nos lençoes brancos e passajados, até que um bocejo forte me atirava preguiçoso para o meio do quarto, ao badalar das onze. Passou tempo: uma primavera linda em que floriu robusta a madresilva do caixotinho, trepando até ao primeiro andar; um verão quente, em que nos abanicamos por Algés, aos domingos á tarde, arrulhando pela praia; um inverno triste em que eu tive reumatismo e ella espetou uma agulha no indicador. E toda esta ventura, mais e mais ia enraizando um affecto sentido, com spasmos romanticos de sentimentalismo ridiculo. A' tarde, quando Felicia voltava, eu esperava-a já com os braços abertos e esmagava-lhe os ossos «com a beijóca valente», que fazia rosnar a visinha do quarto ao lado, uma megera de meio metro d'altura, d'olho pardo lacrimojante: «porcalhões, nunca se fartam...»

Felicia, tinha para mim o encanto do rustico; era o des-enjoativo das sedas almiscaradas de Luiza; a esponja para a carminhada sebenta que me lambusava a cara. E deante do candieiro partido, eu sentia repulção pelo gaz brilhante da saletinha de Sant'Anna.

— Tu tens saudades da Luiza... Tu és capaz de lá ir, mas eu... Os olhos de Felicia enchiam-se de lagrimas; e ameaçando-me com o dedito no ar, mordiscava-me o beiço, n'um longo beijo.

— Cala-te, não me falles na *typa*, que me enrodilhas o estomago.

Veu então um agosto quente; e n'uma tarde, na Avenida, eu encontrei Luiza ao virar uma esquina, com uma cassa transparente a desenhar-lhe o seio. Pensei nas unhas e na cara; e ameacei de pé atrás:

— Olhe que eu apito...

Mas a Luiza sorriu-se, e com meiguice chamou-me «pinderico descarado»; — e eu voltei n'essa noite á calçadinha de Sant'Anna a estiraçar-me nos seus braços setinosos, de bandurra em punho, a berrar o *Liró*.

— O *gáxo* *bolto!*... — informava, no dia seguinte, o industrial das bolas, á visinha, quando eu, envergonhado, espreitava a janellinha estreita do terceiro andar fronteiro.

Mas nunca mais o rosto alegre de Felicia alli appareceu dobrado sobre a costura; e quando, oito dias depois, com o remorso aos pinotes, eu voltei ao caracol da Graça e vi o quarto com um escripto, informou-me o sapateiro da escada:

— Abalou...

— Com algum melro?...

— Não. Com meio litro de petroleo no bucho, para o hospital



Espectaculos

Colyseu dos Recreios

Tem sido concorridissimos os espectaculos n'este elegante circo onde funciona a mais celebre companhia equestre, que é a do Cirque Royal de Bruxelas.

Estreiraram-se os «chinezes fleugmaticos», o «L'homme sans peur» pelos equilibristas «Bey and Glads» e o jogo do «polo» a cavallo, numero composto por seis cavalleiros.

No programma figuram tambem os phenomenaes 25 Persas e os Frediani dois numeros de agrado certo.

Eden-Theatro

Com uma casa á cunha estreou-se n'este theatro uma magnifica companhia de opera italiana, da qual fazem parte artistas de valor como Rina Agazzino que é sem duvida um «mezzo soprano» de largos recursos. Os espectaculos da soberba companhia continuam todas as noites com grande successo.

Gymnasio

Tem sido enorme o successo conquistado pela excellente companhia do Gymnasio na espirituosa charge de Gervasio Lobato «O commissario de policia».

Alegrim, um dos nossos melhores comicos interpreta admiravelmente o gracioso papel do nunca esquecido Valle que foi tambem uma das primeiras glorias da nossa comedia.

O publico todas as noites lhe faz a devida justiça applaudindo com enthusiasmo a peça e os seus conscienciosos interpretes.

Avenida

Não ha maneira de esmorecer o enthusiasmo pela já historica revista «Ceú Azul» que com o seu interessante quadro novo continua a fazer as delicias de todo o publico lisboeta.

Para breve annuncia-se a «reprise» da revista «A. B. C.» de Accacio de Paiva e Ernesto Rodrigues.

ANIMATOGRAPHOS

Os melhores e melhor frequentados

Chiado Terrasse—Rua Antonio Maria Cardoso.

Salão Olympia—Rua dos Condes.

Salão Trindade—Rua da Trindade.

Salão Central—Praça dos Restauradores.

SCENA TETRICA



Hamlet d'Arriaga:—De quem é essa caveira?

O coveiro:—Da Democracia.

Hamlet d'Arriaga:—Olha em que estado está! E eu que tanto a beijei!...
Agora é pegar-lhe com um trapo quente...